

## Utilização do Google Docs na plataforma Moodle para o ensino-aprendizagem da (re)escrita: uma experiência no ensino médio integrado

Eli Gomes Castanho<sup>1</sup>

Esteic Janaína Santos Batista<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo apresenta a experiência de utilização do Google Docs inserido na plataforma Moodle para o ensino-aprendizagem da (re)escrita, em uma oficina de redação oferecida aos alunos do curso técnico integrado de nível médio. Ao longo do texto, são descritas as ferramentas Moodle e Google Docs, e as eficiências e carências de ambas quando aplicadas ao ensino-aprendizagem da (re)escrita. É apresentada, também, a avaliação, feita pelos estudantes e docentes, das ferramentas utilizadas. A proposta buscou sanar dificuldades encontradas no ensino-aprendizagem da (re)escrita, valendo-se de recursos utilizados no ensino a distância, que vem se desenvolvendo devido ao avanço da web 2.0, apoiados nas TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação).

**Palavras-chave:** Google Docs. Moodle. Redação.

### Abstract

This paper presents an experience with Google Docs inserted into Moodle platform for teaching and learning of (re)writing during a workshop offered to students of a technical course integrated to high school. During the text, Moodle and Google Docs tools are presented, as well as the efficiencies and problems of using them during teaching the writing process. This paper also presents the assessment of both tools carried out by students and teachers involved in the development of this work, pointing out the difficulties and facilities in their use. This proposal sought to solve difficulties encountered in the teaching-learning of the (re)writing process, drawing on resources used in distance learning, which has been developed due to the development of web 2.0 supported by ICT (Information and Communication Technologies).

**Keywords:** Google Docs. Moodle. Writing.

## 1 Introdução

A tecnologia tem exercido influência significativa na vida da população, principalmente na dos jovens. Por esse motivo, a escola vem mudando seu modo de lidar com esses cidadãos que estão crescendo e presenciando essa mudança no modo de realizar suas atividades no cotidiano. Conforme Backes (2006), as tecnologias digitais exercem influências significativas nas práticas pedagógicas, inicialmente com o desenvolvimento e uso de softwares educacionais, simuladores, jogos, internet, ambientes virtuais de aprendizagens e dos mundos virtuais. É nesse contexto que surgem as Tecnologias da

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística Aplicada. Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso do Sul (IFMS) – Campus Ponta Porã.

<sup>2</sup> Técnica em Informática e graduanda em Sistemas de Informação na UFMS.

Informação e Comunicação (TICs), como aliadas do processo educacional nas escolas e na democratização da informação, redefinindo as práticas pedagógicas.

Na última década, proliferam-se, também, os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), utilizados principalmente no ensino de Educação a Distância (EaD), mas também sendo possível outras formas do seu uso, como foi verificado no transcorrer deste trabalho.

Outro conceito muito importante se popularizou em 2005 é o da web 2.0, que tem como objetivo a colaboração entre os usuários. Segundo Rojo (2013), há duas mentalidades: a mentalidade um referente à web 1.0, que é mais hierárquica, autoral, mais informática e menos distribuída; e a mentalidade 2, referente à web 2.0, que é mais plana, colaborativa e interativa.

A partir de aulas de redação, ofertadas dentro de uma oficina extracurricular, no segundo semestre do ano 2012, no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), com estudantes do ensino médio técnico, percebeu-se a necessidade de não avaliar apenas o produto final da redação, mas sim, todo seu desenvolvimento. Dessa compreensão, surge a necessidade do uso do prefixo “re-” ao longo desse texto para marcar o processo de escrita e reescrita, como práticas social e escolar, constantes no aprimoramento da atividade textual (FIAD, 2009). Acreditou-se, na ocasião, na possibilidade de buscar soluções dentro das TICs para que essa prática pudesse ser aprimorada.

Logo, este artigo busca fazer uma avaliação do uso do Google Docs, dentro do AVA Moodle, por meio de uma Oficina de Redação ministrada por professores de português, de sociologia e de informática, esse último auxiliou no processo técnico do trabalho, e um grupo de alunos do ensino médio integrado ao técnico.

A seguir, serão apresentadas as ações dos docentes utilizando a ferramenta nas aulas de redação, a produção escrita dos alunos e o modo como os professores exploraram e intervieram nos textos dos alunos, durante a experiência de ensino. Por fim, espera-se que o trabalho possa contribuir para pensar sobre os novos aplicativos ou desenhos para cursos online ou presenciais que trabalhem com o ensino da (re)escrita.

## 2 Conceitos norteadores

### 2.1 Web 2.0 e as novas tecnologias

Darcy DiNucci (1999), em seu artigo publicado na *Print Maganize*, introduz o conceito de web 2.0, referindo-se a ela como as mudanças que estavam a tornar a web mais interativa, mais interconectada e mais presente em nosso cotidiano. No entanto, ela só foi popularizada por Tim O'Reilly, em 2005, no seu artigo intitulado como *What Is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software*, no qual ele procura melhor explicar e esclarecer o termo "Web 2.0", uma vez que havia grande instabilidade e confusão em torno de seu uso. O autor, então, diferencia a velha web (web 1.0) da nova web (2.0).

Diferentemente da web 1.0, que era estática e em que havia apenas um receptor de informação, sem espaço para interação, com ações como comentar, curtir e compartilhar, a nova web permite que os usuários ajam de forma mais colaborativa, cooperativa e interativa. Há, na web 2.0, espaço para comentar, editar e replicar, o que contribuiu para o desenvolvimento das redes sociais.

Essa nova web foi decisiva para o acesso à informação e para a disseminação do conhecimento, uma vez que todos constroem e aprendem juntos. No âmbito educacional, significa quebra de paradigmas com o ambiente escolar tradicional, em que o professor é o único detentor do conhecimento e o topo de uma hierarquia na sala de aula. De acordo com Ribeiro (2007), o modelo colaborativo segue o princípio de que a interação e o diálogo entre alunos e professores são essenciais para o processo educativo, ou seja, o aprendizado ocorre por meio da construção coletiva a partir do questionamento, da problematização, da discussão, da apresentação de dúvidas e da troca de informações. As escolas, no entanto, ainda não estão habituadas a essas novas tecnologias.

A complexificação da Internet e os novos letramentos na web, principalmente com o desenvolvimento mais recente da web 2.0 (espaços de práticas de novos letramentos e gêneros), puderam abrir espaço para que exista um novo modelo educativo que é a comunidade de aprendizagem construtiva, visando ao intuito de docentes e discentes aprenderem juntos (SOUSA, 2011, p. 22).

Nessa nova web, portanto, desenvolvem-se as TICs, que estão atreladas ao avanço da tecnologia digital, os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), os jogos educativos, as redes sociais, os buscadores, dentre outros.

## 2.2 O AVA Moodle e seu uso na educação

Os AVAs são *softwares* disponibilizados na internet para o ensino. Eles surgiram, inicialmente, para fins educacionais, principalmente para cursos de educação a distância (EAD). Os AVAs possuem ferramentas que permitem desenvolver atividades em qualquer lugar e no ritmo do discente.

Esses ambientes virtuais de aprendizagem podem ser utilizados em: atividades presenciais, possibilitando aumentar as interações para além da sala de aula; em atividades semipresenciais, nos encontros presenciais e nas atividades à distância, oferecendo suporte para a comunicação e a troca de informações e interação entre os participantes (RIBEIRO, 2007, p.4).

O Moodle é um AVA de apoio à educação a distância, gratuito, *open source*, sendo um dos mais utilizados em nível mundial. É também utilizado como apoio ao ensino presencial, tendo sido traduzido para 75 idiomas em mais de 200 países (PENERAI, 2012). Por ser uma plataforma que possui código aberto, é construído e melhorado por programadores do mundo todo, permitindo que seja adaptado para que atenda aos objetivos e aos interesses de participantes e usuários, além de suportar milhares de usuários na mesma instalação.

Esse AVA possui uma série de recursos, como fórum de discussão, enquete, *chat*, *wiki*, glossário, tarefa, lição, diário, gerência de notas, relatórios diversos, *links* para arquivos, *links*, pastas de arquivos, quadro de avisos, calendário, blog, RSS, áudios, vídeos, editor HTML, base de dados, dentre outros. Além disso, permite, na criação dos cursos virtuais, a separação por unidades, com período de início e fim, assim como nas tarefas.

Segundo Braga (2013), a plataforma Moodle tende a ser preferida pelos professores, já que oferece um conjunto maior de ferramentas (inclusive de escrita colaborativa) e permite a interação amigável com os diferentes endereços da internet.

### 2.3 Google Docs e seus recursos

O Google Docs é uma ferramenta presente no servidor da Google, em que é possível criar desde documentos a apresentações e planilhas, como também escrever colaborativamente, compartilhando o documento com outras pessoas. Os documentos são salvos no novo conceito de "computação em nuvem", em que os arquivos não ficam armazenados na memória do computador, no disco rígido, mas sim, na rede da internet, permitindo a consulta a eles em qualquer lugar que tenha acesso à rede, bastando possuir uma conta no e-mail do *Google*, o *Gmail*.

Essa ferramenta possui recursos de revisão ortográfica, comentários, acesso ao histórico de revisões, compartilhamento e edição simultânea dos documentos por diferentes usuários. Além de serem compatíveis com as suítes de aplicativos para escritório *Microsoft Office* e *OpenOffice*, os documentos produzidos no Google Docs podem ser facilmente compartilhados ou publicados na rede mundial de computadores, sem que o usuário tenha conhecimentos de programação, pois, para cada arquivo criado, o Google Docs gera automaticamente um código HTML único (COSTA, 2012, p.11).

Portanto, o Google Docs pode ser inserido no ambiente escolar devido às suas ferramentas com potencialidades educacionais, sobretudo no que se refere ao princípio de colaboração que ele proporciona.

### 2.4 A escrita como processo

Nas aulas de redação, geralmente, os professores realizam a correção das redações em uma única etapa e acabam, muitas vezes, por verificar apenas erros de ortografia. No entanto, para que o estudante realmente aprenda e vislumbre seus erros, é preciso que haja várias etapas. Somente assim, após a primeira correção, ele terá a chance de rever e reescrever seu texto, e repetir o processo quantas vezes for preciso para que se tenha, ao final de todo o desenvolvimento, um texto de qualidade. Nesse sentido, a prática de (re)escrita é aperfeiçoada a cada interação no AVA, facilitando o imediato retorno da avaliação pelo professor ao aluno, focando muito mais no processo da escrita do que em seu produto final.

Estudos recentes têm enfatizado que a escrita envolve necessariamente processos de reescrita, mesmo quando o texto é produzido por autores já proficientes. Escreve-se,

edita-se, colocam-se informações adicionais necessárias, testam-se diferentes arranjos estruturais e seleções lexicais. Nem sempre é possível mostrar para o aluno que o processo é que gera o produto final (BRAGA, 2013, p. 117; PINHEIRO, 2011).

Através das ferramentas apresentadas, é possível dar o *feedback* dos textos dos estudantes pelos docentes várias vezes até que se chegue numa versão final do texto de qualidade. Desse modo, o foco não será o produto final, mas o desenvolvimento, uma vez que o texto será avaliado e não simplesmente corrigido.

Outra vantagem é a quebra da hierarquia presente na aula tradicional, pois, no uso das ferramentas, o docente é apenas um mediador e facilitador do conhecimento, que trabalha colaborativa e interativamente com os estudantes, sem que nenhum assumam posição de superioridade, tendo uma relação igualitária. Antes o professor era o centro do sistema educacional, agora se busca uma aprendizagem centrada no aluno (MARTINS, 2002).

## 2.5 Vantagens do Google Docs inserido no AVA Moodle para o ensino da (re)escrita

O Google Docs, inserido na plataforma Moodle, traz grandes benefícios, pois concilia as vantagens dos recursos do AVA com os recursos do editor de textos do Google. Assim, o docente pode revisar os textos dos alunos, e tanto ele quanto os outros estudantes podem comentar os textos desenvolvidos por seus colegas, criando o espírito de colaboração entre os alunos e docentes.

Outra vantagem dessa integração é que o Google Docs conta com um corretor ortográfico, o que faz com que o professor foque mais em outros fatores da avaliação, como a relevância do tema, o tipo textual, a adequação da linguagem, a coesão e a coerência, uma vez que a correção de acentos e vírgulas, por exemplo, é feita pela própria ferramenta. Mesmo assim, o professor ainda verifica se as palavras e a correção estão de acordo com o contexto.

Atrelado a isso, há vantagens do Moodle que são os fóruns e *chats*, permitindo que os estudantes interajam com seus colegas e professores, tirando dúvidas. Os alunos obtêm, ainda, o conteúdo organizado em unidades, além de utilizar os recursos tarefas e lidar com prazos de entrega como na aula presencial.

### 3 Metodologia

A pesquisa utiliza a metodologia qualitativa focada no estudo de caso, e de caráter netnográfico, ou seja, os dados são observados, coletados e analisados a partir de conteúdos digitais *on-line*. A partir do estudo, buscou-se verificar como os professores e alunos se apropriaram da ferramenta, assim como suas percepções e dificuldades ao utilizá-la. Para tanto, foram realizadas – como objeto de pesquisa – entrevistas estruturadas tanto com alunos como com professores. Além disso, foram alvo de análise as marcas interativas que os usuários deixaram ao usar a aplicação.

Para a instalação do Moodle e o *plugin* Google Docs, utilizou-se o Ubuntu 12.10, a linguagem de script PHP, o banco de dados MySQL e o servidor web Apache. Escolheram-se essas ferramentas por serem gratuitas, e o sistema operacional por ser baseado no Linux, assim como o Linux Educacional, utilizado na maior parte das escolas públicas.

#### 3.1. O estudo de caso

Na primeira etapa da pesquisa, foram aplicados questionários iniciais aos estudantes para verificar o que conheciam do Moodle e do Google Docs. Foi, também, feita uma entrevista com os professores para que se pudesse observar seu conhecimento de informática e familiaridade com as TICs.

O evento em que os dados foram gerados foi a oficina de redação Textos & Ideias, como já dito, que abriu 60 vagas, sendo essas distribuídas para todas as turmas dos períodos matutino e vespertino da instituição. Assim, tiveram chance de participar os alunos de todos os semestres e períodos. Ao total, inscreveram-se trinta e três estudantes, dos quais apenas quinze participaram frequentemente.

Foram observadas doze aulas de redação, com duração de uma hora e meia cada, além de fóruns do Moodle. Ali, os estudantes colocavam suas dúvidas e, também, eram disponibilizados os questionários para que fossem respondidos.

Na metade do andamento da oficina, foi aplicado mais um questionário aos estudantes, para verificar suas percepções ao realizarem o texto colaborativo e os maiores problemas encontrados até então ao utilizarem as ferramentas. Verificou-se também como os professores intervieram nos textos dos alunos durante toda a oficina, quais empecilhos foram encontrados no transcorrer da pesquisa, sendo analisadas todas as variáveis.

Ao final da oficina, foi aplicado um novo questionário para os estudantes e os professores. A partir dos questionários aplicados para os estudantes, procurou-se verificar a avaliação geral da ferramenta, suas dificuldades, a superação ou não dos problemas encontrados no meio da oficina e as diferenças encontradas entre o meio digital e o manual.

A partir dos questionários aplicados para os professores, procurou-se fazer a avaliação da ferramenta, suas observações quanto ao que poderia ter a mais na ferramenta para auxiliá-los nas aulas de redação, as perspectivas sobre a experiência de utilizar os meios digitais para as correções de textos e, por fim, as possibilidades de continuar usando as ferramentas. Assim, pôde-se obter respostas relevantes para a pesquisa, quanto às dificuldades dos usuários e visões sobre o uso da ferramenta.

### 3.2. O campo de pesquisa

O campo de pesquisa escolhido foi o Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, campus Ponta Porã, local da oficina de redação anterior. Outro motivo para a escolha do campo de pesquisa é o fato de os professores terem tempo disponível para a execução do projeto, diferentemente do que ocorre em escolas de esfera estadual e municipal, em que a carga horária do professor em sala de aula é bem maior, além de o docente dar aula em mais de uma escola normalmente.

### 3.3 A oficina de redação

No segundo semestre de 2012, iniciou-se a Oficina de Redação, ministrada por um docente da disciplina de Língua Portuguesa e uma docente da disciplina de Sociologia, em que participavam vinte e um estudantes do ensino médio profissionalizantes de todos os períodos dos cursos de Informática e Agricultura do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS) campus de Ponta Porã, com objetivo de prepará-los para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como atividade extracurricular.

As aulas seguiam no modo convencional. A professora de sociologia discutia um tema social com eles, para que pudessem desenvolver o texto na folha. Os docentes então faziam a correção de acordo com os critérios adotados pelo exame. Porém, os estudantes, bem como os professores sentiram falta de poder refazer o texto após a correção, o que era inviável devido ao curto tempo do professor e à falta de disponibilidade tanto deles quanto dos alunos. Então, o docente de Língua Portuguesa decidiu criar um projeto que integrasse



português e informática, para a criação de algum *software* que atendesse às necessidades da Oficina.

Foi decidido criar um *plugin* para o AVA Moodle, a fim de que os estudantes desenvolvessem seus textos, e os professores corrigissem e comentassem as produções, bem como um espaço para seus colegas opinarem sobre os textos.

A partir de então, a bolsista do projeto começou a aprender sobre a linguagem PHP que seria utilizada no desenvolvimento do *plugin*, e participou de uma web conferência ofertada pelo Ensino a Distância (EAD) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) - EaD/UFGD durante três dias sobre como administrar a plataforma Moodle. Todavia, em uma reunião com a coordenadora do EAD/UFGD<sup>3</sup>, com o intuito de pedir um espaço no AVA deles, ela nos informou que havia integrado no AVA Moodle da EaD/UFGD o *plugin* do Google Docs à sua plataforma, o qual poderia atender às nossas necessidades. A partir de então, mudou-se o rumo do projeto, e decidiu-se testar a ferramenta, uma vez que já estava pronta para ser usada, dispensando-se por hora o desenvolvimento do *plugin* que iria demorar meses para poder ser utilizado.

Foi aberto um edital da Oficina de Redação Textos & Ideias, ofertando-a nos períodos da manhã e da tarde, em um dia da semana, para que pudesse atender todos os alunos interessados. Os estudantes que participaram da oficina eram dos cursos de agricultura e informática, de todos os períodos. Criou-se, então, uma sala no AVA Moodle da UFGD, com o nome Digiscrita. A oficina teve ao todo quatorze encontros, cada um durou uma hora e meia.

### 3.4 Procedimento de coleta de dados

Para a coleta de dados, foram utilizados os fóruns do ambiente Moodle, questionários disponibilizados no Moodle e no Google, além de observações das aulas de redação.

Observaram-se as redações<sup>4</sup>, quanto às intervenções feitas pelos professores nos textos dos alunos, considerando como e quais recursos das ferramentas foram utilizados.

<sup>3</sup> Agradecimento especial à professora doutora Elizabeth Matos Rocha, que prontamente cedeu o servidor da instituição como parceria neste projeto. Estendemos também os agradecimentos ao professor Franz Corsini, que deu todo suporte necessário ao funcionamento e instalação do Moodle.

<sup>4</sup> O uso do termo “redações”, ao longo deste artigo, refere-se a “textos dissertativos como solicitados pelo ENEM”.

Observaram-se também as dúvidas dos alunos durante a oficina, que deveriam ser postadas no fórum do Moodle, mas foram, em sua maioria, enviadas no grupo da oficina criado na rede social Facebook.

Foi analisado também o primeiro texto que os alunos fizeram, o qual era um texto para todos editarem, com o intuito de visualizar suas percepções ao escrever um texto colaborativamente.

#### 4 Interpretação dos dados

A primeira produção dos alunos foi um texto coletivo, para que todos editassem no Google Docs. Para isso, foram-lhes apresentadas as ferramentas do Google Docs e a possibilidade de visualização das edições anteriores.

A maioria alunos acabava tirando suas dúvidas a partir de redes sociais, e alguns deles nos relataram que acharam o processo de escrita estranho, no primeiro momento, pois ficavam inseguros, apagando algo que o outro colega escreveu para melhorar. Outros alunos não escreveram, pois acabavam não entrando no ambiente em casa.

Quando o professor levou esse mesmo texto para a aula presencial para finalizá-lo, observou-se que os alunos se sentiram mais à vontade para opinar sobre o texto, pois o professor foi alterando o texto no editor de texto convencional, conforme eles iam opinando.

Após essa redação coletiva, eles produziram mais três redações no editor de texto Google Docs, que compartilharam com os professores. No entanto, após cada produção dos alunos, os professores demoravam para fazer a primeira correção, não havendo quase *feedbacks* nas redações feitas pelos alunos. Após os alunos corrigirem os textos avaliados, havia o segundo *feedback*, mas, nesse ponto do processo, duas unidades posteriores já tinham se iniciado, havendo, portanto, outras redações sobre outros temas.

Observou-se também, ao final da oficina, que os professores não sabiam utilizar corretamente as ferramentas e não conheciam todos os recursos disponíveis, ou muitos que poderiam ser utilizados. A professora de Sociologia, muitas vezes, acabava imprimindo a redação, para fazer a correção manual com os estudantes.

Verificou-se, ainda, a partir das avaliações dos textos que foram feitos, que o professor de Língua Portuguesa utilizou apenas comentários nos textos dos alunos, possivelmente desconhecendo as outras ferramentas. Também foi observado que ambos

não fizeram uso do histórico de revisões, nas quais se podia ver as diferentes versões do texto dos alunos, mesmo esse sendo apresentado no documento deixado disponível no ambiente de aprendizagem e tendo sido apresentado nos dois primeiros encontros da oficina.

Foi apresentado aos participantes, também, um fórum que ficaria no Moodle, que seria o lugar em que iriam postar suas dúvidas. No entanto, muitos estudantes acabavam tirando suas dúvidas na rede social Facebook, visto que a “frequentavam” todo dia.

O *plugin* do Google Docs que o AVA Moodle da UFGD utilizava apenas poderia ser acessado se o usuário estivesse logado no seu e-mail do Gmail, o que exigiu a criação de um e-mail do Gmail para todos os participantes da oficina. Em decorrência disso, muitos ficavam em dúvida quando iam acessar o Google Docs pelo Moodle e esqueciam-se de entrar antes na sua conta do Gmail. O ambiente Moodle foi utilizado pelos estudantes para responder fóruns, ter acesso aos textos de apoio e responder atividades e questionários.

Na metade da oficina, foi aplicado um questionário aos estudantes e, a partir das respostas, foi apontada a dificuldade com prazo de entrega da redação, mesmo havendo entre uma a duas semanas para que os alunos as desenvolvessem. Outros participantes apontaram que estavam “perdidos” em relação ao uso das ferramentas, devido a outro ponto negativo levantado: a falta de internet na Instituição para que pudessem acessar as ferramentas durante ou logo após as oficinas do Moodle, a fim de conhecer todos os recursos das ferramentas disponíveis e também de ter a ajuda necessária.

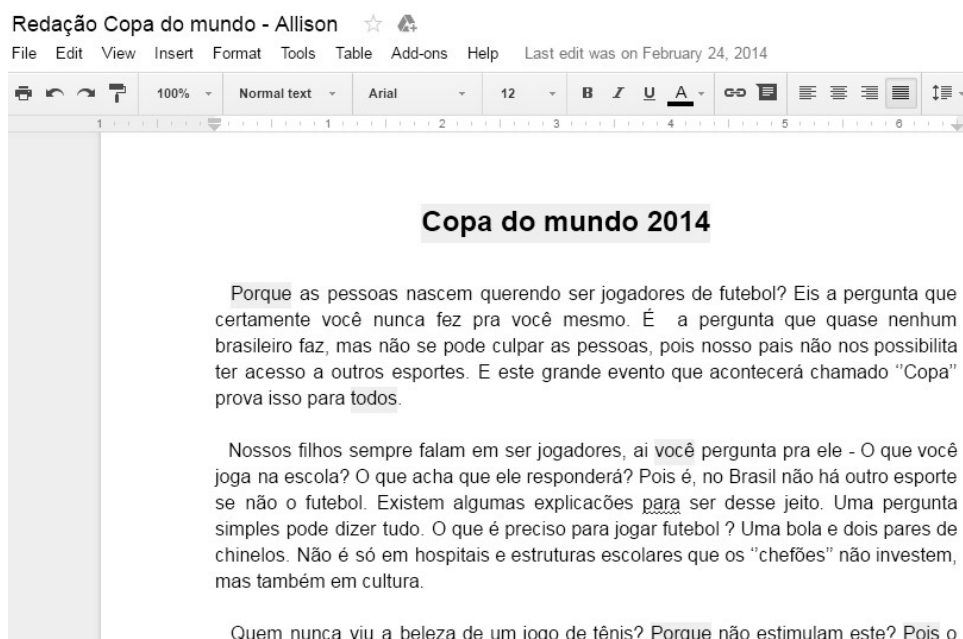
Sempre eram sanadas as dúvidas dos usuários da plataforma, no entanto, eles não utilizavam o fórum do Moodle para postar suas dúvidas, para que todos pudessem ver e eventualmente esclarecer uma mesma dúvida que outro colega poderia ter. Eles utilizavam redes sociais para enviar suas dúvidas ou o *chat* do Moodle, como já foi apontado no estudo de Melo (2011).

Ao final da oficina, os professores responderam um questionário sobre os usos que fizeram das ferramentas do Google Docs e do AVA Moodle, as dificuldades encontradas durante a oficina de redação em relação às ferramentas e as vantagens e desvantagens percebidas, como seus possíveis usos em outras oficinas. Pôde-se perceber que os professores acabaram transportando o modo convencional de dar aula para o meio digital, fazendo com que o processo do desenvolvimento do texto, que inclui a correção, não fosse alterado.

Observou-se que, apesar das tecnologias serem amplamente utilizadas no dia a dia dos professores, muitos ainda resistem a tais mudanças. Não obstante, deve-se considerar que o transporte do meio convencional para o digital é um processo lento, era preciso que esses professores fossem devidamente auxiliados em como utilizar as ferramentas, e a se familiarizarem com elas. Isso não foi possível devido às estruturas do prédio, sendo o principal percalço, a falta de internet na instituição.

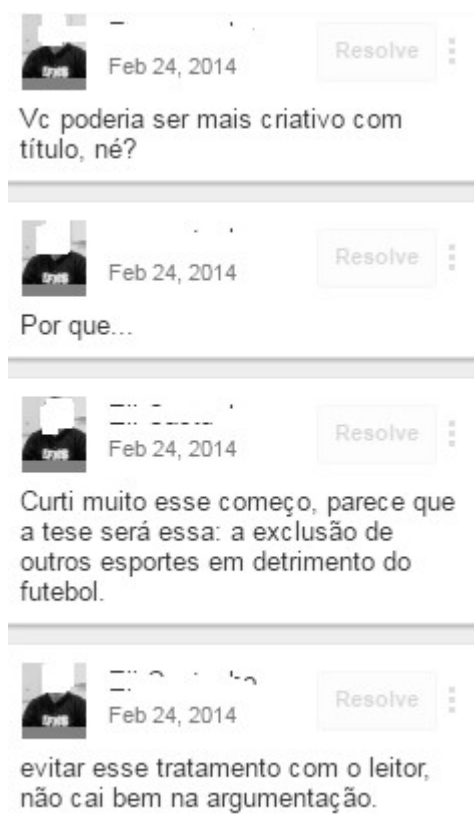
Mesmo os professores possuindo acesso à internet fora do local de trabalho, observa-se a resistência inconsciente deles a novas tecnologias na demora dos *feedbacks* e na impressão das redações para correção, que é como eles se sentem mais à vontade para corrigirem os textos.

Outro ponto importante que mostra a falta do uso frequente dessas ferramentas por parte dos professores é o momento em que um deles sugere a inserção de um recurso para inserir comentários nos textos. Ele já utilizava tal prática, embora não conhecia todas as suas aplicabilidades, tais como o acompanhamento do histórico de alteração possível de ser visualizado no corpo do texto.



**Imagem 1:** Print de uma redação comentada pelo professor

**Fonte:** os autores



**Imagem 2:** Comentários do professor  
**Fonte:** os autores

Observou-se, também, que o AVA Moodle, apesar de ter sido utilizado por alguns alunos para responder questionários, tarefas e fóruns (mesmo que por poucos deles), não foi utilizado pelos docentes, que viram seu uso apenas como um meio para disponibilizar arquivos, o que poderia ser substituído facilmente por um grupo no *email* ou na rede social.

Por outro lado, os professores perceberam a importância do uso das TIC no contexto escolar, pois ambos observaram as potencialidades do Google Docs, que são a escrita simultânea e a possibilidade de ver as diferentes versões do texto. Os dois pretendem continuar utilizando essa ferramenta em outras atividades. Como visto, há muito que ser incorporado em se tratando da apropriação das TICs.

## 5 Considerações Finais

A partir do presente estudo, observou-se que nem sempre o uso de ferramentas dentro da sala de aula que proporciona o letramento digital traz os benefícios esperados. Apesar de a tecnologia estar presente no cotidiano das pessoas e a maioria delas possuir

acesso à internet, seu uso está mais voltado para as redes sociais, tanto que, quando foi criado um grupo da rede social Facebook para as oficinas, as pessoas acabaram por interagir mais nela que no AVA Moodle, tornando-se mais eficazes em colaboração e interação, apesar de serem ferramentas para fins diferentes: o AVA Moodle é um ambiente escolar e o Facebook, uma rede social para fins de entretenimento.

A partir dos questionários, das observações e das intervenções dos professores nos textos, pode-se perceber que os professores utilizaram parcialmente as ferramentas do Google Docs e praticamente nada das ferramentas do Moodle. É importante salientar que os professores têm interesse em continuar utilizando o Google Docs, por exemplo, e que esse trabalho pode, portanto, abrir caminhos para outras pesquisas em outro contexto, em uma instituição com internet, por exemplo.

Vale considerar, também, que toda e qualquer grande mudança na sociedade e no contexto escolar se dá por pequenas mudanças. Portanto, faltou que os professores e alunos se familiarizassem mais com as ferramentas, com as quais ainda não estão adaptados, apesar de elas estarem, muitas vezes, disponíveis para eles, mesmo que em casa.

Cabe, aqui, ressaltar que nosso foco era a avaliação das ferramentas, pois o uso de tecnologias é necessário nas escolas, sem, em momento nenhum, afirmar que elas seriam eficazes. É preciso escolher as ferramentas de acordo com objetivo do seu uso e do contexto escolar em que será inserida. Para isso, é preciso testá-las.

Os alunos acharam interessante o uso do Google Docs para produzir seus textos, mas muitos preferem o papel. Isso mostra que é preciso aplicar as novas tecnologias na sala de aula de forma gradual, para que os alunos, como professores, sintam-se à vontade com as novas ferramentas e que percebam seus usos, assim como de que forma aproveitá-las. Há, porém, que se considerar o maior dos agravantes: a falta de internet no prédio em fase implantação.

Outro agravante da atividade, em si, foi o tratamento dado à atividade, a começar pelo título do texto do aluno – redação. Ainda que se priorizasse a reescrita e a tecnologia fosse usada para esse fim, a escrita teve um fim em si mesmo. Ou seja, o aluno teria de escrever tão somente para aprimorar a técnica, ter bons resultados nos vestibulares. Não se considerou, portanto, a função social dos gêneros discursivos, a não ser a escrita propedêutica.

Serão necessárias outras avaliações quanto ao ensino da escrita e reescrita em outros contextos, para verificar se é viável ou em quais situações o uso do editor de texto na sala de aula é eficaz. Por ora, verificou-se que a apropriação das TICs é lenta e gradual e requer tentativas por parte dos atores, além, é claro, de recursos para tal.

## REFERÊNCIAS

BACKES, L. Ambiente virtual de aprendizagem: formação de comunidades virtuais? *Revista Digital da CVA*, v.3, n.11, p.1-9, jul. 2006.

BRAGA, D.B. *Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas*. Coleção Trabalhando com... na escola. Editora Cortez. 1ª edição, 2013, p.1-148.

COSTA, J.R. Google Docs em sala de aula: implicações pedagógicas da aprendizagem virtual. *Simpósio Hipertexto e Tecnologias da educação: comunidades e aprendizagem em rede*, IV, Pernambuco, p. 1-17, nov. 2012.

FIAD, R. S. Reescrita de textos: uma prática social e escolar. *Organon*, Porto Alegre, n. 46, p. 147-159, jan./jun. 2009.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010, 201 p.

MELO, L. B. Metodologia de ensino mediada por redes sociais: uma aplicação do contexto interacional para atividades pedagógicas baseadas no Facebook. *Quaestio: revista de estudos em educação*. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=quaestio&page=article&op=view&path%5B%5D=689&path%5B%5D=711>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2016.

PENERAI, T. O Moodle e o Facebook como ambientes pedagógicos: possibilidades e limitações. *Simpósio Hipertexto e Tecnologias da educação: comunidades e aprendizagem em rede*, IV, Pernambuco, p. 1-17, nov. 2012.

PINHEIRO, P. A. A escrita colaborativa por meio de ferramentas digitais: ressignificando a produção textual no contexto escolar. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v.9, n.3, p. 226-239, set/dez, 2011.

RIBEIRO, E.N. *A importância dos ambientes virtuais de aprendizagem na busca de novos domínios da EAD*. p. 1-11, abr, 2007. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/4162007104526AM.pdf>

ROJO, Roxane. Modelos de web e de cursos virtuais. In: ALVES, José. *EAD na contemporaneidade*. ensinar e aprender na web é tema de palestra de Roxane Rojo. Cenpec. São Paulo, 2013. Entrevista concedida ao Cenpec.

SOUSA, J. H. X. *Tecnologia e ensino de redação: uma experiência de uso do Google Docs com professores e alunos de uma escola pública de Ibiapina CE*. 2011. 220f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, 2011.